

**Evento:** XXX Jornada de Pesquisa ▾

EDUCAÇÃO COMO VÍNCULO: A DOCÊNCIA E O DESPERTAR DO INTERESSE NO DISCENTE ¹

Bruna Laís Dalcin Ott², Vânia Lisa Fischer Cossentin³,

¹ Trabalho da disciplina Educação, Autoridade e Transmissão

² Doutoranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ)

³ Professora Dr Vânia Lisa Fischer Cossetin

INTRODUÇÃO

Este escrito objetiva problematizar o lugar da experiência do professor no despertar do desejo discente pelo saber, no intuito de, com isso, fazê-los se interessar pelo mundo. Trata-se de uma pesquisa etnográfica que articula narrativas de vivências a análises teóricas, por meio da narrativa de uma aula de História da Educação na qual um professor convida os estudantes a olharem novamente para a cidade, a fim de discutirem a respeito de três questões: o estudante e o desejo pelo saber; o professor e o ensino; e o objetivo da educação. A partir disso, foi possível compreender como um certo tipo de intervenção docente pode vincular os jovens ao mundo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa parte da vivência da pesquisadora em uma aula de História da Educação realizada em espaços urbanos. A narração desta experiência serve como impulso para a reflexão a respeito da docência, do ensino e da própria educação, mobilizando autores como Lajonquiere (1999), Larrosa (2021) e Biesta (2017). A docência enquanto prática ampla, plural e complexa, solicita uma metodologia que acolha essa condição de abertura. Em vista disso, o ensaio foi o meio escolhido para elaborar estas reflexões, uma vez que ela possibilita a articulação dos conceitos e das vivências do autor, na qual as vivências são narradas a partir da autoetnografia, ou seja, segundo Mattos, Santos e Grion (2024) a autoetnografia constitui um gênero autobiográfico que conecta o pessoal ao cultural, os autoetnógrafos oscila entre os aspectos sociais e culturais de sua experiência, e aspectos do seu eu que podem resistir a interpretações culturais.



Neste sentido, o ensaio articulado com a autoetnografia nos permite acolher experiências vividas e relacioná-las com a teoria com o intuito de criar caminhos e possibilidades para a prática docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Naquele dia, a aula de História da Educação da turma de Pedagogia aconteceu em dois lugares pouco comuns: no cemitério e na praça da cidade. A turma se reuniu inicialmente no cemitério, o professor, carregava um livro em suas mãos, falava sobre aquilo tudo que nos cercava, convidando as estudantes a olharem o local de uma outra forma. Ele fez observações sobre como os lugares ocupados pelas famílias mais ricas e mais pobres da cidade eram diferentes, e que os materiais com os quais os túmulos foram feitos eram diferentes. Volta e meia ele parava e lia um trecho do livro. Caminhamos pelo cemitério enquanto ele falava sobre a arquitetura, sobre as famílias, a organização daquele espaço tão importante para a cidade, ele contou histórias de algumas personalidades, nos chamou a atenção para os símbolos presentes nos túmulos. Depois seguimos até a praça, ele refletiu sobre a organização do centro, da igreja, das praças e das avenidas. Seguiu falando a respeito das pessoas representadas em estátuas e monumentos, nos fez pensar sobre o que estava disposto nos lugares mais nobres e nos lugares mais à margem daquele local.

Durante o tempo do mestrado eu me deslocava semanalmente para Chapecó e fazia questão de visitar o centro, as praças. Gosto de observar a cidade e o movimentar das pessoas. Mas naquele dia, através da voz daquele professor, a cidade falou comigo e eu pude conhecê-la um pouco mais; me encantei, me indignei, quis saber mais sobre ela, mas especialmente, entendi que algumas coisas poderiam ter sido diferentes e que outras ainda podem vir a ser. Depois da aula, fiquei lembrando de algumas vezes que me senti assim, quando minha avó contava as histórias da família, quando a minha prima mais velha lia para mim e dizia “quando você for na segunda série conseguirá ler como eu”, quando o professor de história falou pela primeira vez sobre a 2ª Guerra Mundial ou quando minha mãe parava a história que ela inventava e dizia “amanhã eu continuo”. Estas diferentes situações mobilizaram em mim a vontade de querer saber mais, as vozes daqueles que se dirigiram a mim, como a dos velhos (mesmo que tendo apenas dois anos a mais, como minha prima) de alguma forma prendiam a minha atenção. Eles sabiam algo a mais sobre o mundo,



revelavam-no para mim de uma forma cativante e ao mesmo tempo insuficiente. Eu amava o mundo sobre o qual aprendia e desejava conhecer mais sobre ele.

É neste ponto que a educação começa: no desejo de aprender algo (Biesta, 2017), numa gigantesca fresta que se abre sempre que alguma coisa nova nos é apresentada. A praça e o cemitério nos eram comuns, mas eles foram revisitados e nossos olhos guiados para ver o que era importante, um caminho surgindo aos poucos e alguém dizendo para prestar a atenção o tempo todo. Todas estávamos atentas, as pessoas que caminhavam pela cidade estavam emudecidas e os carros pareciam não estar ali, só se queria ouvir a voz daquele que sabia, do professor. O mestre, aquele que ensina, nutre no aprendiz o desejo de saber mais e também o amor por aquele que sabe mais (Lajonquière, 1999). A forma como o professor fala, como ama a matéria que ensina, como está sempre a convidar os estudantes a prestarem a atenção, solicita que eles aquietem seus ímpetos e se dediquem a matéria, seja como ouvintes, copiando algo do quadro, decorando uma poesia ou criando um texto sobre determinado assunto. É neste aquietamento que se manifesta o amor do estudante pelo mestre, pois ele pressupõe no mestre o saber que lhe falta (Lajonquière, 1999) e em troca disso oferece a sua atenção e dedicação.

Lajonquière (1999) afirma que educar é “endireitar”, naquele dia, no cemitério o professor endireitou o olhar das estudantes, ele nos fez olhar novamente com atenção, nos fez ver o que não víamos e principalmente fez a cidade receber novos significados, ela se tornou mais importante. Endireitar o olhar não se trata de aderir à mesma opinião do professor, ele não está ali para converter, para ter fiéis. Endireitar o olhar é movimento, é poder revisar levando em consideração algum saber: passear pela cidade conhecendo mais da sua história, ler um poema identificando a métrica utilizada, imaginar uma paisagem e saber que a montanha levou milhões de anos de processos geológicos para se formar. Isso nos faz compreender que vivemos em um mundo compartilhado, que foi inventado e que é reinventado, um mundo humano feito por outras pessoas coisas além de nós, mas que só sobrevive porque existimos.

A educação é o esforço dos adultos para que os jovens aprendam a agir no mundo com amor e com cuidado para que esse mundo continue, para isso é preciso que conheçam e se coloquem neste mundo, que sejam acompanhados por adultos que lhes digam para onde olhar. Isso é o ensino. Não a transmissão de qualquer coisa, mas de saberes que de tão



importantes merecem ser perpetuados a partir do momento em que se tornam matéria da escola. (Pombo, 2002). Neste sentido, o professor proporciona aos jovens tempo, espaço, igualdade e liberdade para conhecerem e pensarem sobre o mundo. É por causa destas condições que jovens se transformam em estudantes, têm a chance de nascerem novamente, porque a partir do conhecimento transmitido pelo professor, tudo o que aprenderam e experienciaram se refaz no aluno, ainda que tampouco se saberá o que os alunos farão com o recebido. Aposta-se que, se oferecido com amor, tende a ser igualmente recebido com amor e cuidado. É para isso que os mestres ensinam, para que o mundo melhore pelas mãos daqueles que vão chegando no mundo.

Aqui chegamos ao ponto central da educação: impedir que o mundo se desfaça, como diria Larrosa (2021) ou impedir que Auschwitz se repita, como alerta Adorno (1995). Ou seja, a educação é uma tarefa dos adultos que desejam a continuidade do mundo, que já aprenderam o suficiente para entender que existem coisas, como Auschwitz, que não podemos mais repetir. Educar então é uma tarefa impossível, jamais fecharemos as notas com a sensação de dever cumprido, não sabemos para onde irão aquelas crianças, jamais teremos certeza do impacto que causamos ou não, na vida delas. Poderíamos acrescentar, tarefa de responsabilidade ilimitada (Biesta, 2017), porque a docência requer que assumamos a responsabilidade por aqueles que ainda não conhecemos, e que lhes proporcionam condições para que venham ao mundo. A lista de conteúdos pode ser todo ano a mesma, mas nunca sabemos quais serão os resultados dos nossos esforços educativos e nem poderemos prever quais serão os comportamentos dos novos. Jamais nossas leituras serão o suficiente para dar conta das perguntas que cada novo grupo de crianças e jovens estarão diante de nós.. Cabe-nos esta tarefa de responsabilidade ilimitada, proporcionando o encontro da matéria (mundo) e dos jovens, ano após ano. Repetimos diversas vezes as mesmas frases “silêncio”, “olhe aqui”, “isso é importante”, lemos várias vezes o mesmo texto e ao mesmo tempo estamos sempre sob ameaça do inesperado, de que algo completamente impensável venha a acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor é aquele que olha para o estudante de uma forma que ele se sente visto, que a sua subjetividade seja acolhida, mas também é aquele que faz com que o estudante



aprenda que existem outras coisas para além de seu pequeno mundo. A educação escolar requer, assim, que pensemos sobre os mais diversos temas como acesso, permanência, currículo, infraestrutura, ensino, aprendizagem, cultura, etc. Mas não podemos esquecer do olhar atencioso que é requerido daquele que faz com que a escola aconteça: o professor. É preciso que pensemos a formação inicial e continuada destas pessoas que se dedicam aos novos e estão preocupados (ou deveriam estar) com a continuidade da vida humana e do planeta. Não podemos nos conformar com modelos educacionais que transformam professores em treinadores, em desenvolvedores de habilidades, e que transforma aulas em shows. Precisamos de professores que falem sobre a cidade a fim de que ela possa ser vista de outras formas, que convidem o estudante incansavelmente até que ele possa se interessar por algo. Professores têm no olhar, na voz e na postura a capacidade de fazer um mundo inteiro se reinventar, se pelo menos um estudante for atingido, olhará para o mundo e falará sobre o mundo de outra forma, o mundo se renovará. Nossa esperança é que este outro mundo seja de amor e de cuidado.

Palavras-chave: Educação. Docência. Ensino. Vínculo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para o futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LAJONQUIÈRE, Leandro. **Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LARROSA, Jorge. **Impedir que o mundo se desfaça**. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen; CUBAS, Carolina (orgs). *Elogio do professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. Pp. 81-116
- POMBO, Olga. **Elogio da transmissão**. In: POMBO, Olga. *A Escola, a Recta e o Circulo*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002